

# PROCESSOS DE SINGULARIZAÇÃO NOS MODOS DE SER E FAZER-SE PROFESSOR/A PARA UMA ESCOLA DE OUTROS TEMPOS

## PROCESSES OF SINGULARIZATION IN THE WAYS OF BEING AND BECOMING A TEACHER FOR A SCHOOL OF OTHER TIMES

Joelson de Sousa Morais 1  
Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento 2  
Dilmar Rodrigues da Silva Júnior 3

**Resumo:** No presente texto, buscamos, como objetivo, refletir acerca das dinâmicas pelas quais têm sido permitido tecer processos de singularização nos modos de ser e fazer-se professor/a para uma escola de outros tempos que se apresenta nesse período da pandemia da Covid=19. Trata-se de um ensaio teórico para pensar como os/as docentes vêm constituindo sua subjetividade diante desse novo contexto educativo de aprender e ensinar. Nos fundamentamos em: Guattari; Rolnik (1996), Imbernón (2016), Morin (2020), Nóvoa (2020), e outros. Como resultados, refletimos que outros modos de compor-se professor/a emergiram, passando o/a docente a reaprender e a reinventar-se diante da diversidade de saberes e fazeres da prática educativa e pedagógica na pandemia. Assim, os processos de singularização do ser, fazer e saber foram permitindo a tessitura de uma professoralidade que foi se constituindo em outras tantas didáticas necessárias e desafiantes para salvar a escola e dar continuidade ao projeto educativo de formação humana.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Profissional Docente. Didática. Pandemia.

**Abstract:** In this text, we seek to reflect on the dynamics through which it has allowed us to weave processes of singularization in the ways of being and becoming a teacher for a school from other times that presents itself in this period of the pandemic. This is a theoretical essay to think about how teachers have been constituting their subjectivity in the face of this new educational context of learning and teaching. We base ourselves on: Guattari; Rolnik (1996), Imbernón (2016), Morin (2020), Nóvoa (2020), and others. As a result, we reflect that other ways of becoming a teacher have emerged, with the teacher relearning and reinventing themselves in the face of the diversity of knowledge and practices of educational and pedagogical practice in the pandemic. Thus, the processes of singularization of being, doing and knowing allowed the fabric of a professoriality that was constituted in many other necessary and challenging didactics to save the school and continue the educational project of human formation.

**Keywords:** Teacher Professional Development. Didactics. Pandemic.

- 1 Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (FACEMA). É Professor Adjunto I do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó-Ma. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9184354605461860>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1893-1316>. E-mail: [joelson.morais@ufma.br](mailto:joelson.morais@ufma.br)
- 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Líder do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade (CNPq/UEMA). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professora Adjunta III do Departamento de Educação (UEMA/CESC). Professora Permanente dos Programas de Pós-Graduação, Mestrado em Educação PPGE/UEMA e do Mestrado e Doutorado em História do PPGHIST/UEMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0959562416041369>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6956-4670>. E-mail: [franclanecarvalhon@gmail.com](mailto:franclanecarvalhon@gmail.com)
- 3 Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)/Campus Caxias. Supervisor Pedagógico efetivo na Prefeitura Municipal de Codó e Professor efetivo dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de Caxias/MA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2506251547104611>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2301-3096>. E-mail: [dilmar.jrcxs@outlook.com](mailto:dilmar.jrcxs@outlook.com)

## Um voo em territórios instáveis: reflexões iniciais

O mundo mudou em tão pouco espaço de tempo, que trouxe inúmeros impactos para a reorganização da vida, para as lógicas do trabalho, reverberando nos diferentes grupos sociais, como a família, a escola, a empresa, a igreja e outras tantas instituições.

Nesse sentido, como pedagogos/as que somos, professores/as-educadores/as e pesquisadores/as educacionais, comprometidos/as com a transformação social, nos cabe pensar, no âmbito da educação e da formação de professores, e, sobretudo, com foco na escolaridade da Educação Básica, como vêm se constituído as novas formas de aprender, ensinar e educar nesses tempos de incertezas que ainda nos assolam no momento atual.

Aspectos de indefinições esses que têm surtido inúmeros efeitos pelo acometimento da pandemia da Covid-19, que, de forma repentina, nos pegou de surpresa, e provocou desordens em diversas esferas da existência humana, requerendo novas possibilidades de pensamentos e alternativas de ação para os problemas estabelecidos diante da realidade enfrentada.

Mediante as reflexões até o momento pontuadas, urge que nos questionemos: Qual o sentido da escola, hoje, no contexto da pandemia? Que outras práticas, saberes e fazeres nos foram possíveis construir como professores/as para aprender e ensinar? E como têm se constituído os/as professores/as em seus modos de ser, pensar e fazer a prática pedagógica para uma escola de outros tempos que, agora, se apresenta?

É por meio dessas questões, que intencionamos, no presente texto, como objetivo, refletir acerca das dinâmicas pelas quais têm sido permitido tecer processos de singularização nos modos de ser e fazer-se professor/a para uma escola de outros tempos que se apresenta nesse período pandêmico.

Tal ideia está subjacente às reflexões que temos discutido e pensado nos dois grupos de pesquisas do qual fazemos parte como pesquisadores/as oriundos de duas instituições públicas brasileiras, uma situada na região nordeste, no estado do Maranhão<sup>1</sup>, e outra, na região sudeste, no estado de São Paulo<sup>2</sup>, bem como de pesquisas que viemos produzindo, mesmo no momento da pandemia junto com professores/as da Educação Básica pública maranhense.

Assim, o texto em pauta reflete-se como um ensaio teórico, buscando problematizar algumas questões que têm permeado a didática de professores/as na escola básica, sobretudo, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com os quais estamos pensando esse texto, e que temos produzido constantes diálogos, estudos e pesquisas, ao longo de nossa trajetória formativa, profissional e de múltiplas aprendizagens.

De certo modo, o texto em pauta, acaba se configurando como uma narrativa das nossas experiências educativas, pedagógicas e formativas, trazendo reflexões e pensamentos que têm nos mobilizado e tocado nesse período de pandemia e fruto do entrelaçamento com os múltiplos espaços e tempos que temos nos lançado de aprendizagens, formação e desenvolvimento profissional da docência nos cursos de licenciaturas.

Desejamos, assim, pensar em outras possibilidades de como a escola ou a educação tem funcionado em outros formatos e metodologias de escolarização, mesmo que remotamente, e que tantos saberes, práticas e dispositivos metodológicos podem ser mobilizados no cotidiano da prática pedagógica para uma escola de outros tempos.

Escola essa em que não está sendo possível estar de forma presencial, mas, em encontros virtuais que vem se dando remotamente já no segundo ano pandêmico, em que estamos enfrentando nesse ano, e que tem afetado, sobremaneira, o convívio, a saúde e as múltiplas maneiras de ser e se fazer professor/a e aluno/a.

<sup>1</sup> Trata-se do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade, cadastrado no CNPq e vinculado à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC) e coordenado pela Profa. Dra. Franc-Lane Nascimento (segunda autora desse texto) desse texto.

<sup>2</sup> Refere-se ao Grupo Interinstitucional de Pesquisa/formação Polifonia (<https://grupopolifonia.wordpress.com>), que faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), junto à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e vinculado também ao Grupo Vozes da Educação, sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Faculdade de Formação de Professores (FFP) do qual o primeiro autor desse texto faz parte como pesquisador.

Ao pensarmos nesses outros modos de ser e fazer-se professor/a para uma escola de incertezas que temos atualmente, nos pautamos nas contribuições de: Ailton Krenak (2020), António Nóvoa (2020), Edgar Morin (2020), Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), Francisco Imbernón (2016), e outros.

As discussões, que se refletem nesse texto, são apresentadas em quatro partes: a primeira é essa introdução, intitulada *Um voo em territórios instáveis: reflexões iniciais*, em que são trazidas algumas análises iniciais e contextuais do estudo; na segunda parte, tematizada: *O papel da escola e do professor na formação humana em tempos de pandemia*, fazemos uma incursão problematizadora situando a relevância e as configurações da formação humana na perspectiva do papel do/a professor/a e da escola na sociedade no contexto de pandemia.

No que se refere à terceira parte, com o título *Os tempos de incertezas que temos: entre didáticas, modos de ser e se fazer professor/a*, discorremos acerca dos inúmeros desafios, possibilidades e didáticas outras construídas pelos/as professores/as no período da pandemia, tecendo alguns conceitos de como tem se consolidado esse ser, fazer e saber docente, como a tessitura da sua subjetividade e da professoralidade, que emergiram nas incertezas dos processos educativos e pedagógicos mobilizados em suas didáticas para uma escola de outros tempos. E, na quarta e última parte, tematizada: *Tecendo uma síntese provisória: à espera do amanhã*, fazemos algumas reflexões acerca do que o estudo nos trouxe e nos fizeram pensar acerca dos processos constitutivos de singularização tecidos pelos/as professores/as da educação básica na pandemia.

## **O papel da escola e do/a professor/a na formação humana na pandemia**

Estamos vivendo um período conturbado nesses últimos dois anos, principalmente entre 2020 e 2021, em que a pandemia chegou e se intensificou, tirando, inclusive, milhares de vida, e afetando todos os setores da sociedade.

Outras pedagogias se mostraram possíveis de serem mobilizadas e desenvolvidas, em função das mudanças ocasionadas. Logo, outro perfil de ser professor/a veio junto com as demandas e necessidades que emergiram nesse processo.

Por isso, faz muito sentido a reflexão provocativa e sempre atual de que “[...] as escolas vão mudando e os professores têm de fazê-lo no mesmo ritmo. É possível que, a longo prazo, muitas das coisas que têm sido ensinadas nas escolas possam ser aprendidas fora das paredes das salas de aula” (IMBERNÓN, 2016, p. 51).

Eis, o que aconteceu na pandemia, isto é, passamos a aprender, ensinar a mobilizar os saberes do ofício docente em outros formatos e possibilidades que se apresentaram diante das incertezas provocadas no período de confinamento social, utilizando, agora, aulas e encontros remotos, com o uso de diferentes aparelhos tecnológicos e dispositivos metodológicos para que a educação pudesse acontecer.

Na educação, os impactos foram imensos e afetaram, principalmente, o emocional de professores/as e alunos/as, pelo fato, entre outros aspectos, de não poderem estar no convívio diário no cotidiano escolar, com toda a dinâmica que se materializa nessa instituição, as cores, sabores, cheiros e tantas outras dimensões e sensações que poderiam se estabelecer e experimentar.

Não se pode mais provar os sabores da merenda escolar, sentir o cheiro dos papéis, dos livros e outros artefatos presentes na instituição; houve a descontinuidade do contato físico, dos abraços, risos, aprendizados e a práticas educativas e pedagógicas com as crianças; a falta se faz presente pelo momento do recreio ouvindo gritos, conversas e correrias dos pequeninos nos corredores e outros múltiplos espaços escolares; o momento do diálogo dos/as professores/as, ao tomar um cafezinho com bolo, ou fazendo outro lanche batendo um papo, já não são mais uma prática possível, além do sentido da escola e do processo de dar continuidade à existência da instituição e da própria vida que passou a ser um desafio constante.

Estamos ainda em uma pandemia, e o mundo não é mais o mesmo. A escola que tínhamos nunca fez tanto sentido para a vida humana nesses tempos como agora tem nos colocado a pensar no seu papel e nas contribuições educativa, pedagógica, social e nas próprias dinâmicas socio-

interativas e na construção de relações psicológicas saudáveis entre os sujeitos que dela fazem parte e dão vida, cor e brilho.

Estamos em um novo contexto: aquele em que nós, professores/as, alunos/as e demais agentes educacionais atuantes na escola, tivemos que ressignificar nossas vidas, ações, práticas e saberes que foram se apresentando com outras possibilidades alternativas para tecer novas aprendizagens e construir dinâmicas diversas de formação.

É nesse contexto que as aulas, encontros e processos de interações diversas que aconteciam no cotidiano escolar, se deslocaram para outra esfera da vida humana: o virtual, praticado remotamente pelas redes sociais e os aparelhos tecnológicos para que pudéssemos nos encontrar com as crianças, jovens e adultos e buscar tentar fazê-las continuar a aprender.

Além do mais, o fato de estabelecer contato com os estudantes, mesmo que virtualmente, faz muita diferença para dar continuidade ao sentido da escola, do aprender e ensinar, embora isso seja um desafio posto a todos/as os/as docentes, que nem sempre conseguem alcançar resultados e concretizar metas que pudessem se materializar, qualitativamente, como nos encontros presenciais.

Professores/as, crianças e famílias sentiram um forte impacto com a ausência da escola e dos momentos que nessa instituição se poderiam praticar, com a carga emocional e envolvente com que cada um participava, em suas respectivas formas de estabelecer conexões.

E sobre a descontinuidade dos laços afetivos e relações estabelecidas no cotidiano escolar, que tem sido algo, por demais pulsante na vida de alunos/as e professores/as, nesse período pandêmico, convém salientar um estudo recente que tem identificado esses impactos nesse contexto excepcional que estamos enfrentando. Assim, segundo os autores:

Toda crise gera mudanças, e quando estas efetuem-se em um processo de construção de outras possibilidades valorosas, transformadoras e que emergem, em um movimento de si produzindo em articulação com um coletivo, melhores são as chances de fazer irromper um estado emocional e, mesmo caótico, que possa se complexificar na qualidade de vida do sujeito, já que põe um conjunto de fatores em situações conflituosas da sua existencialidade (MORAIS; BRAGANÇA, 2021, p. 229-230).

Diante do exposto, problematizamos: Qual o papel e o sentido da escola nesses tempos de pandemia em que nos encontramos? O que representa a figura do/a professor/a no processo de escolarização para esse outro tipo de escola que, no momento, vem se materializando remotamente?

Algumas questões precisam ser pensadas, tendo em vista que, em todo o mundo, as formas de encontro presencial foram cessadas, em função de preservar a vida, e os governos, por um lado, mostraram-se incipientes nas soluções e alternativas que pudessem viabilizar, de forma eficaz, uma educação, o que, de modo contrário, foi promovida uma ação significativa por parte dos/das próprios/as professores/as, gestores/as, coordenadores/as pedagógicos/as e outros agentes educacionais, que passaram a se mobilizar para dar continuidade à educação, afinal de contas, o sentido de preocupação invadiu nossas vidas, requerendo novas formas didáticas, corporificando em outros modos de aprender, se formar, ensinar e, conseqüentemente, provocar os saberes necessários às práticas educativas e pedagógicas. Diante do exposto, uma crítica merece ser ressaltada, a de que:

Os governos deram respostas frágeis, e as escolas também. As melhores respostas, em todo o mundo, foram dadas por professores que, em colaboração uns com os outros e com as famílias, conseguiram pôr de pé estratégias pedagógicas significativas para este tempo tão difícil (NÓVOA, 2020, p.8)

Não há uma receita para ser professor/a no contexto da pandemia. Cada sujeito foi e está produzindo uma existência em função da formação que tem, das pesquisas e novas aprendizagens que buscou criar, e das oportunidades e possibilidades elaboradas para poder manter e dar continuidade às suas práticas pedagógicas, com novos aparatos, dinâmicas e fazeres, que pudessem

atender às necessidades e fazer alguma diferença na própria vida da criança.

É nesse processo, envolto de um compromisso e responsabilidade, que os/as professores/as podem fazer a diferença em seu trabalho no aprender e ensinar as crianças na educação escolar ou nos novos tempos que lhe apresentam com outras didáticas, saberes e fazeres, como no contexto da pandemia.

E nos parece ser bem elucidativa a necessidade do professor para a educação, que ousamos construir nesses tempos outros que estamos tendo, tanto que o próprio livro de Gusdorf (2003), tematizado *Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia*, nos aparenta fazer uma provocativa problematização já no próprio título que se torna mais do que emergente e atual nos tempos em que vivemos. Ou nas palavras do autor, reiteramos que:

[...] A experiência do professor, adquirida através da prática e da sagacidade, é, na verdade, esse dom de discernimento dos espíritos que, ao pressentir as possibilidades de cada um, propõe-lhes fins ao seu alcance, assim como os meios de alcança-los, através da utilização das suas capacidades (GUSDORF, 2003, p. 24).

Desse modo, o/a professor/a é um/a profissional imprescindível e necessário/a para que a educação possa acontecer, e os laços sociais, afetivos, educativos e pedagógicos se estabeleçam, seja em que realidade ou tipo de escola for, afinal de contas, sem professor/a não há como desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. Razão pela qual, sua importância e significação social tem se ampliado nesse período de pandemia.

Embora valha ressaltar que o trabalho remoto exige muito de todos/as, por ficarmos bastante tempo expostos a telas de um computador ou celular, sem contar as dificuldades que têm os/as nossos/as alunos/as, pela falta de acesso à internet, ou usando apenas os dados móveis, quando não pela falta de um aparelho celular disponível para participar das aulas, tendo em vista que, muitas vezes, seus pais acabam utilizando também, o mesmo dispositivo tecnológico para trabalhar ou resolver seus compromissos e demandas diárias.

Além do mais, devem ser levadas em consideração as condições socioeconômicas que têm impactado muitas famílias nesse período pandêmico, por não ter um celular com o aplicativo de mensagem mais utilizado, *Whatsapp*, ou qualquer outro contato virtual com que os/as professores/as pudessem estabelecer com os pais ou responsáveis, a fim de continuar suas práticas pedagógicas ao longo dos encontros partilhados com as crianças.

Foram inúmeras as dificuldades encontradas, que mostraram o lado frágil e que escancarou as desigualdades, sobretudo, econômicas das famílias brasileiras de renda baixa, mostrando, assim, a inexistência de políticas públicas eficazes e até a falta de preparo de governos em lidar com as incertezas que assolaram/assolam a sociedade.

Sobre a falta de oportunidades e agravamento das desigualdades presentes, principalmente, nas camadas sociais mais baixas, ressaltamos que, na pandemia da Covid-19 “[...] o isolamento serviu de lente de aumento para as desigualdades sociais: a pandemia acentuou dramaticamente as desigualdades socioespaciais” (MORIN, 2020, p. 29).

Foi o caso da gestão das tecnologias educacionais, e a falta de mobilização de muitos governantes no processo de continuidade da educação na pandemia, em que muitos, deixaram à mercê dos/as próprios/as professores/as e de algumas escolas as iniciativas para empreender esforços, a fim de prosseguir com a dura e difícil tarefa de aprender e ensinar na pandemia, enfrentando, as próprias condições adversas dos impactos emocionais coletivos e outras de ordem pessoal.

Diante do exposto, pensamos que o/a profissional professor/a desempenha papel crucial na formação humana da sociedade, pois, mesmo diante de muitos acontecimentos que atravessaram e continuam a reverberar em seu trabalho, e na sua própria existência, consegue se reinventar e criar outras possibilidades didáticas para aprender e ensinar.

Prova disso, foram as inúmeras alternativas que reorientaram a prática pedagógica para serem mobilizadas remotamente no plano virtual pelos/as docentes, dentre as quais, podemos citar: a gravação de vídeos educativos e pedagógicos; a proposição de dinâmicas para com as

crianças; a criação de oficinas e materiais didáticos, extrapolando os fazeres apenas de conteúdos a ensinar; os registros ao tirar fotos e enviar para os pequeninos diante das dúvidas e incertezas surgidas; a entrega de atividades impressas, com o apoio das escolas para as crianças, tanto na instituição, como no acompanhamento em seus próprios lares, entre outras inúmeras práticas que deram certo e serviram como subsídios para diversas realidades.

A escola, mesmo no período da pandemia, apesar de ter parado por pouco tempo, repensou suas práticas e dos seus agentes, e deu continuidade ao seu projeto de formação humana, preocupada com as transformações que a sua ausência poderia gerar na sociedade para todos. Isso mostra a bravura e a capacidade de reinvenção que a escola tem, de mobilização de todos os seus agentes – professores/as, gestores/as, coordenadores/as, secretários/as escolares, pessoal que auxilia em serviços diversos e outros – no contexto de transformações bruscas e impactos que assolaram a instituição, e que, mesmo assim, muitos se uniram, deram as mãos e, assim, consolidaram uma faceta primordial de aprender e ensinar na pandemia, continuando de pé diante das incertezas e deslocamentos gerados em diferentes perspectivas.

Sem escola, uma sociedade não se desenvolve. Sem professor/a tão menos é possível ensinar e contribuir para o processo de formação do indivíduo para viver em sociedade, e nessa articulação de atuar como docente em uma instituição educativa, é o que mais fez falta nesse período de pandemia.

Tanto, que alguns estudos mostraram de forma precisa e necessária o/a professor/a como um sujeito indispensável à sociedade, mesmo na pandemia, afinal de contas, os processos educativos e pedagógicos continuaram, ainda que remotamente. É o exemplo que enfatiza Morin (2020), em seu estimulante livro *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, elucidando o papel de algumas profissões que ficaram invisibilizadas e mesmo desprestigiadas, como a do/a professor/a, por exemplo, e outras tantas nesse período de tensões que ainda estamos enfrentando. Recorremos ao autor que, brilhantemente, faz uma crítica nessa direção:

Ora, as profissões que ficaram mais expostas ao contágio e à morte, as que foram mais vitalmente indispensáveis a todos são, na maioria, desvalorizadas, para não dizer às vezes desprezadas, e submetidas aos salários mais baixos. Façamos justiça a enfermeiros, coletores de lixo, entregadores, verdureiros, pequenos agricultores, agentes de segurança, guardas-civis. Façamos justiça aos médicos hospitalares, **aos professores e educadores que, sem interrupção, no auge da crise, relevaram-se não mais funcionários ou profissionais, porém, missionários** (MORIN, 2020, p. 29-30. Grifos nossos).

Vejam como o grau de importância do/a professor/a tem significado a possibilidade não apenas de continuar desenvolvendo sua prática pedagógica na pandemia, mas, sobretudo, de trazer alento, brilho, vigor e vida à uma escola e a seus/suas alunos/as, que, diante das incertezas que pairam do momento, inúmeras afetações têm trazido aos pequeninos, inclusive, podendo evitar processos depressivos e impactantes no seu emocional e no/a próprio/a docente, por saber que o momento não é favorável para estar dentro da instituição, experienciando o cotidiano com todo o conjunto de disposições, movimentações e contatos que a escola propicia.

Assim, cabe enfatizar as contundentes contribuições assinaladas por Imbernón (2016, p.218), quando diz que “[...] a educação muda as pessoas, melhora a coesão social, influi na qualidade de vida e na saúde e é fonte de satisfação”. O que implica, considerá-la como a mola propulsora de desenvolvimento pessoal, econômico, social, político e cultural do sujeito e de uma sociedade como um todo.

Por isso, outras didáticas emergiram como possibilidades de desenvolver a prática pedagógica dos/as inúmeros/as professores/as na pandemia, justamente, aquelas em que puderam alcançar os lares das famílias das crianças, envolvendo muitas pessoas, e a própria realidade que estava enfrentando.

Diante de tais transformações e mediante a mobilização de um conjunto de fatores que buscaram consolidar os processos educativos nesse período pandêmico, é que nos respaldamos na reflexão de uma pedagogia possível, que se torna cada vez mais emergente já que “[...] precisamos

construir uma Didática que, por meio de sua prática, crie espaços para a negociação cultural, enfrentando os desafios da assimetria, e caminhe na direção de um projeto em que as diferenças estejam contínua e dialeticamente articuladas” (FRANCO, 2012, p. 171)

E professor/a é criativo/a para isso, mesmo com as dificuldades, consegue tirar lições, buscar alternativas outras diante das suas necessidades formativas para aprender e ensinar, razão pela qual a figura do/a professor/a torna-se insubstituível, cujo prestígio não poderia ser roubado por nenhuma outra profissão, afinal de contas, toda área do saber e do conhecimento passa pela base da educação, para chegar às suas esferas mais altas e longínquas. Portanto, todos passam pelas mãos de pedagogos/as professores/as, que estão na Educação Básica fazendo a diferença na formação, e que, na pandemia, mostraram o seu lugar e o seu papel na sociedade.

São com essas reflexões, de perceber os modos de singularização pelos quais tecem os/as professores/as na mobilização de outras didáticas possíveis e modos de ser e se fazer, que buscamos abordar, na próxima seção, tendo em vista termos nos mostrado como uma das facetas de inestimável valor e riqueza dessas dimensões nesse período de pandemia em que estamos vivendo no mundo, atualmente.

## **Os tempos de incertezas que temos: entre didáticas, modos de ser e se fazer professor/a**

Desde um áudio ou vídeo compartilhados pelo *Whatsapp*, atividades impressas enviadas pela escola aos lares das crianças, uma criação de um vídeo no YouTube e enviado para os pequeninos, um trecho de um pequeno filme, uma pesquisa solicitada para ser feita, enfim, são alguns dos dispositivos metodológicos que consideramos relevantes e que, evidentemente, foram desenvolvidas pelos professores no período da pandemia.

Diante da diversidade de saberes e fazeres pedagógicos praticados nos lares dos/as docentes nesse contexto de crise sanitária, outras didáticas se descortinaram em função da experiência vivida de cada um/a, alterando a convivialidade de todos/as, e implicando em novas formas de pensar, fazer e se relacionar. Ou como Nóvoa salienta a literatura nessa perspectiva:

[...] Em poucos dias alterou-se o que muitos consideravam ser impossível mudar: desde logo, o espaço das aprendizagens, da sala de aula para casa, com todas as consequências na vida familiar e social; depois, a organização do trabalho, da lição para o estudo através de trabalhos propostos pelos professores, realizados num *continuum* diário e não no tradicional horário escolar; finalmente, as modalidades de trabalho docente que se alteraram profundamente, com recurso a actividades várias, sobretudo através de dispositivos digitais (NÓVOA, 2020, p. 11).

Tais iniciativas têm se mostrando também presentes em nossa prática pedagógica como docentes na Educação Superior, sobretudo, no curso de Pedagogia, em que atuamos em duas universidades públicas situadas no estado do Maranhão, em duas cidades do interior do Estado, além das nossas experiências que temos tido no diálogo com professores/as da Educação Básica, em conversas e trocas que temos compartilhado durante os encontros e estudos que com eles/as estabelecemos.

Enfim, diante da complexidade de ser professor/a nesses tempos pandêmicos, urge a prática constante de uma reflexividade que seja permeada pela construção de outros tantos saberes e fazeres que possam alcançar a realidade das crianças, diante do fato de estarem em seus lares, devido ao isolamento social imposto pela pandemia.

Defendemos a ideia de que o/a professor/a se faz e se refaz, constantemente, em função de uma multiplicidade de situações que, muitas vezes, gera deslocamentos em sua existência, formação e aprendizagem ao longo da sua vida.

É nesse fazer e se refazer que se constitui a professoralidade dos/as docentes em pleno

contexto da ação de aprender, ensinar, pesquisar e se formar, mediatizados por uma multiplicidade de práticas, reflexões e buscas constantes que se defrontam em sua existencialidade e que os/as deslocam, constantemente, em função da experiência vivida.

Por isso, cabe salientar o conceito de professoralidade, o qual temos defendido em nossos estudos e pesquisas recentes, e que acreditamos fazer muito sentido para o momento em que os/as professores/as estão enfrentando nesse período da pandemia. Assim, os/as docentes estão se reatualizando, dando feitura a um novo ser, fazer e pensar a si, à prática pedagógica e o desenvolvimento de sua didática diante das incertezas que emergem cotidianamente. Eis o que caracteriza a professoralidade. Ou melhor:

[...] Trata-se, agora, de entender que vir a ser professor é uma escolha, uma diferença na história de um sujeito. Ser professor não é a prática de uma vocação. Não é uma mera habilidade desenvolvida. A professoralidade é a condição de proposição que um sujeito assume como diferença de si, uma escolha em ser agente de desinstalação do que está estabelecido e, ao mesmo tempo, suportar junto o terremoto, o resgate das vítimas e a construção de uma nova cidade. Como já disse em outro momento, a professoralidade traz a condição de ser, ao mesmo tempo, impulso e rede (PEREIRA, 2016, p. 207).

Nesse sentido, os/as professores/as na pandemia passaram a produzir uma marca de si, tecendo subjetividades as quais configuraram outros modos de ser, estar, fazer e pensar, cujas dinâmicas e produções não se faziam presentes, anteriormente, o que implica situar a tessitura de uma professoralidade em constante devir e produção.

Essas mudanças que se materializam na didática de professores/as no período da pandemia, por vezes, podem se caracterizar, entre outros aspectos no que pensamos se dar pelo modo como organizam a sua prática pedagógica (planejamento), pelos resultados obtidos no retorno que as crianças dão (avaliação); durante o desenvolvimento da sua prática pedagógica diante da realidade que possa ser feita (metodologia); e no uso de determinados recursos que possam desenvolver no contexto das crianças (recursos didáticos), entre outros elementos.

Do mesmo modo, ser professor/a na pandemia, vai se constituindo de um entrelaçamento que se dá entre: os saberes mobilizados, os fazeres empreendidos na prática pedagógica e os modos de ser que vão oscilando, constantemente, não apresentando um modo fechado de ser pessoa e profissional, mas que vão se adequando às mudanças operadas ao longo do tempo. Daí, a ideia de que cada um tece uma professoralidade, ou seja, se produz, conforme o conhecimento que tem e constrói, como também, das relações estabelecidas com os diferentes agentes escolares e das práticas formativas e de aprendizagem que tecem, paulatinamente.

Eis que o conceito de subjetividade nos apresenta como uma dimensão fundamental de relacionar-se com a tessitura de um ser professor/a para uma escola de outros tempos em que estamos tendo, atualmente, na pandemia.

O que significa, portanto, tecer subjetividades nos processos de singularização do ser professor/a, para uma escola de outros tempos nessa pandemia, a qual temos aludido no título desse trabalho?

Defendemos, que cada docente vai produzindo um modo singular de ser, fazer a sua prática pedagógica, mobilizar os saberes, fazeres e saberes-fazeres em consonância com as escolhas que faz, as características que tem e constrói outras, bem como diante da realidade que possui e das necessidades que emanam no seu cotidiano.

Por isso, tal qual salientam Guattari; Rolnik (1996), em *Micropolítica: Cartografias do desejo*, corroboramos com a reflexão de que esses processos de singularização na vida dos sujeitos, se deslocam e emergem outros modos de ser, fazer e estar, diante da reapropriação das mídias que fazem, lutando e criando outras alternativas que subvertem a modelização da subjetividade.

Ou seja, os/as professores/as ultrapassam as lógicas instituídas e oficiais, criando outros perfis de ser docentes, mobilizando diferentes práticas e empreendendo uma tessitura complexa e plural de ser professores/as, fazer a sua prática pedagógica com o uso de diferentes artefatos e dispositivos metodológicos e tecnológicos, produzindo uma nova figura do ser, pensar e fazer



a si, a profissão, a aprendizagem e a formação no decurso da existência. Daí, o fato de construir subjetividades, singularizando-se, e produzindo uma professoralidade, o que não é possível transferir para outrem o modo como é, pensa e faz, tão menos viabilizar a repetição dessas dimensões para outro/a professor/a, o que confere o seu caráter de irrepetibilidade, pela marca que constrói e o identifica como ser que é ou está tecendo, cotidianamente.

É na pandemia que os/as professores/as passaram a tecer outras figuras de si, invocando, originalmente, a possibilidade de construção de uma subjetividade que vai se tornando a diferença de si que produz diante de tantas outras profissões e sujeitos.

Mais do que nunca, o pensamento de Krenak (2020), tem se tornado um alento e contributo potencialmente significativo nos tempos pandêmicos, a fim de corroborar com outras tantas reflexões que retratam a vida, buscando situar o sujeito em contato consigo, com o meio, com os outros e com a natureza da qual faz parte. Na brilhante obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, este intelectual nos provoca a pensar que faz cada vez mais sentido o fato de que é preciso:

[...] enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vive-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações (KRENAK, 2020, p. 32-33).

Em vista disso, cada professor/a pode reivindicar o direito de ser, fazer e pensar o que quer, bem como fazer o que desejar para que possa construir um mundo melhor, e mobilizar determinados saberes e fazeres que corroborem para o desenvolvimento da educação e de uma escola da qual não se tinha no passado e que, agora, se apresenta com outros formatos e possibilidades. Cada um/a, portanto, tem uma cultura e se permite a lançar para tantas outras oportunidades de produzir um/a novo/a de si, na construção de uma subjetividade que a pandemia está mostrando essa outra faceta como descobertas inventivas e originais que se tecem nos processos de singularização e que não existe a possibilidade de transferência para qualquer que seja a pessoa. É uma marca de si, uma subjetividade que o/a caracteriza, lhe representa e faz ser o que é, em função da vida atual e de tudo o que já aconteceu até o presente momento desse período pandêmico.

Nesse sentido, na pandemia, como um novo movimento social que atravessa e suscita mudanças em diferentes escalas, setores, vidas e profissões, vale salientar que “[...] o que caracteriza os novos movimentos sociais não é somente uma resistência contra esse processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir modos de subjetividade originais e singulares, processos de singularização subjetiva” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 45).

Assim, os/as professores/as passaram a empreender uma aventura outra de construir uma professoralidade em função dos acontecimentos operados, das incertezas enfrentadas e das dinâmicas que foram emergindo como necessidades para se manterem vivos/as e, ao mesmo tempo, para praticarem afetos, estabelecer múltiplas relações e compartilhar outras tantas emoções, saberes e aprendizagens, corroborando para fortalecer a sua existência, emocionalidade e o sentido da existência, nos tempos de incertezas que os/as assolam.

Daí, a necessidade de pensarmos que nem toda experiência desenvolvida por um/a docente poderá, do mesmo modo, servir para outro/a, tendo em vista, tanto a subjetividade implicada nos modos de organização da sua prática pedagógica e o próprio desenvolvimento das aulas ou encontros propiciados remotamente, bem como, as intenções, objetivos propostos e interações estabelecidas com as crianças e a repercussão desses ao longo do tempo.

Acreditamos que o mais relevante dessas dinâmicas de ministrar aulas de forma remota é fazer com que as crianças participem, sintam o desejo, a curiosidade e a vontade de aprender, de questionar, enfim, de estar em permanente processo de interações e de busca, mediante a atividade desenvolvida pelo/a professor/a, já que são aspectos importantes e cruciais do processo de ensino e aprendizagem remoto.

O que temos percebido durante esse período conturbado da pandemia e de isolamento social, é que muitos/as professores/as reaprenderam a ser professores/as, passando a usar uma infinidade de recursos metodológicos e tecnológicos, os quais não se faziam presentes em suas práticas pedagógicas, afinal de contas, o sentido da escola permaneceu, porém, com outras tantas dinâmicas e lógicas de encontros e participação, no caso, nas telas de celulares e computadores, portanto, remotamente.

Para os/as que não dominavam as ferramentas tecnológicas, as exigências se impuseram em todo o mundo, e, assim, as demandas redobram, já que tivemos que aliar: 1) organização do trabalho pedagógico; 2) planejamento para aulas remotas; 3) avaliação e outras inúmeras práticas e saberes, em nossos próprios lares, o que intensificou-se o trabalho, significativamente, trazendo, às vezes, maior tempo de trabalho e exposição às telas dos dispositivos tecnológicos, e, em alguns casos, perdendo a própria privacidade dos/as docentes, uma vez que o celular se tornou o meio de comunicação privilegiado, principalmente, via *whatsapp*, em que os/as alunos/as, constantemente procuram os/as mesmos/as para tirar dúvidas, fazer perguntas, enviar atividades ou solicitar outras questões diversas.

Assim, os/as professores/as do tempo presente, nesse período de pandemia, já não são mais os/as mesmos/as, tendo em vista as mudanças ocasionadas na nova conjuntura social, educacional e de nosso fazer laboral, ou seja: a) tivemos que repensar o modo como pensamos; b) resignificar o modo como ensinamos; c) avaliar e organizar a nossa prática pedagógica, considerando a complexidade do ofício de ensinar remotamente; d) promover conversas e momentos de diálogos para, inclusive, ouvir as narrativas e saber como andam as crianças e as suas famílias do ponto de vista da sua saúde, entre outras inúmeras iniciativas.

As práticas colaborativas desenvolvidas de forma mútua na pandemia, mediatizadas pela ação conjunta entre os/as professores foi o que salvou a escola, ou seja, se juntaram, deram as mãos e fizeram com que a educação acontecesse diante das incertezas de como poderiam contribuir para continuar o processo de escolarização, sem saber muito bem o que disso poderia resultar. Tanto que compreendemos que:

Esta é uma lição importante da crise, que nos deve levar a promover uma maior autonomia e liberdade dos professores. Hoje, está muito claro que nada pode substituir a colaboração entre professores, cuja função não é aplicar tecnologias prontas ou didáticas apostiladas, mas assumir plenamente o seu papel de construtores do conhecimento e da pedagogia (NÓVOA, 2020, p. 9).

Os/as professores/as, portanto, se *reinventaram* para poder estar em consonância com esse novo tempo e essa nova escola virtual, em que aprendemos e ensinamos remotamente, por meio dos dispositivos tecnológicos, em que, a todo momento, surgem novas descobertas e outras tantas ideias.

E foi no fazer cotidiano da prática docente que cada professor/a foi se descobrindo com as necessidades que surgiram, o que tinham aprendido e o que passaram a buscar a mais, além das dificuldades e limitações que cada um/a possuiu, que teceu um outro modo de ser, fazer e pensar a si próprio/a, a educação e o desenvolvimento profissional da docência em outros modos e formatos para que se viabilizasse a prática pedagógica na pandemia.

## **Tecendo uma síntese provisória: à espera do amanhã**

Em meio às incertezas que surgiram no contexto da pandemia, muitos sujeitos resignificaram suas vidas, ações e pensamentos em prol de atribuir sentido e significação à sua existência, ao seu trabalho e às relações de convívio remotamente com inúmeras pessoas.

Os/as professores/as foram uma categoria profissional que passaram a se mobilizar desde o início da crise sanitária, unindo forças e tecendo processos de colaboração com os pares para conseguir cumprir o seu papel social, educativo, político e pedagógico na construção de uma educação para a transformação socioemocional de si e de seus/suas alunos/as, mesmo em um

cenário de instabilidades como o que vem se apresentando, até os dias atuais.

Com base nas reflexões produzidas neste estudo, compreendemos que outras didáticas emergiram durante a pandemia, reverberando-se, significativamente, em outros modos de ser, pensar e fazer-se professor/a, na construção de outros meios educativos com o uso de uma diversidade de dispositivos tecnológicos e metodológicos nos processos de aprender e ensinar.

Nessa perspectiva, é, muitas vezes, diante de conflitos e emergências da vida, formação e profissão que surgem alternativas potentes e necessárias para dar continuidade ao projeto de formação humana, com compromisso, ética e responsabilidade, assim como têm empreendido, com bravura, os/as professores/as, na pandemia.

No processo de continuar no projeto de vida e educação, outras tantas dimensões foram possíveis de tecer entre os/as docentes, passando a reinventar-se e, ao mesmo tempo, recriar seus saberes e fazeres necessários às práticas educativas que se consolidaram, potencialmente, na didática mobilizada remotamente com as crianças.

Porém, o trabalho remoto não tem sido fácil, pois, apesar de algumas facilidades, também apresenta dificuldades, tanto relacionadas ao manuseio de docentes e alunos/as das ferramentas tecnológicas, como no que diz respeito à falta de condições econômicas e financeiras de acesso à internet das famílias e ao próprio fato de não terem dispositivos tecnológicos com *internet* ou com *whatsapp* para que as aulas e encontros acontecessem de forma significativa.

Foi possível perceber ainda, que alguns conceitos importantes se produziram nesse período da pandemia, como a tessitura da subjetividade dos/as professores, que acabaram criando processos de singularização, produzindo uma marca de si, em um modo peculiar de ser, pensar e fazer a sua prática pedagógica, a docência e as relações interpessoais remotas.

Do mesmo modo, a ideia de professoralidade é um conceito central no qual pode se articular à vida e ao desenvolvimento pessoal e profissional docente nesse período pandêmico, já que implica em um constante produzir-se em meio ao saber, fazer e ser que empreende, cotidianamente.

Que outras experiências significativas possam ser refletidas, como as que intencionamos produzir neste texto, afinal de contas, passamos a criar uma escola de outros tempos, com outros/as professores/as e para uma nova sociedade, tendo diferentes alunos/as, que aprendem e ensinam junto com/as os docentes/as, com as cores, saberes e formas de relacionar, construindo, assim, uma educação que é possível diante do cenário de incertezas que se apresenta nessa pandemia.

As lições que ficam dessa experiência, é que, como professores/as formadores/as que somos, urge pensar, discutir e problematizar outros tantos processos formativos na academia em articulação com a educação escolar, na qual, muitos/as de nossos/as alunos/as, futuros/as pedagogos/as, estarão atuando, profissionalmente, e que buscarão fazer a diferença na educação sob seus compromissos e responsabilidades.

Que não deixemos a escola morrer, tão pouco a ideia de que os processos de escolarização podem se dar de diferentes formas e em outros vários formatos, porém, sem abrir mão da escola como espaço de sociabilidade e produção de um novo, potente e significativo futuro social, mais plural, digno e inclusivo.

À espera do amanhã é povoado de esperanças, de que a pandemia acabe, que todos/as sejam vacinados/as, principalmente, professores/as e alunos/as e a população em geral, e que as aulas remotas acabem, dando lugar ao ensino presencial, em que possamos nos abraçar, compartilhar afetos, emoções, vidas, cores, cheiros e múltiplas outras sensações e sentidos que somente no contato pessoal presencial nos é possível tecer, viver e experienciar.

## Referências

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. Tradução M. F. 3. ed.

São Paulo: Martins Fontes, 2003.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Encontro consigo e com o outro: tecendo subjetividades em narrativas de uma pesquisa formação na pandemia. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 40, pp.221–236, maio-agosto 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/20697/13492>>. Acesso em: 30 set. 2021.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: as lições do coronavírus. [tradução Ivone Castilho Benedetti], colaboração Sabah Abouessalam. 1.ed. Bertrand Brasil, 2020.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação, entrevista. **Revista Com Censo**, #22 • volume 7 • número 3 • agosto 2020. Disponível em: < <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905/551>>. Acesso em: 29 set. 2021.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

Recebido em 11 de dezembro de 2021.

Aceito em 19 de dezembro de 2022.